

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**PLANEJAR PRA QUÊ?
UMA PROPOSTA DE PLANEJAMENTO NA ESCOLA
DE 1º GRAU MARIA JOSÉ LOURENÇO, EM ICÓ - CE**

FLÁVIA BERNADETE ARAÚJO

**CAJAZEIRAS - PB
1995**

FLÁVIA BERNADETE ARAÚJO

PLANEJAR PRA QUÊ?
UMA PROPOSTA DE PLANEJAMENTO NA ESCOLA DE 1º
GRAU MARIA JOSÉ LOURENÇO, EM ICÓ - CE

Trabalho apresentado para a conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia do Centro de Formação de Professores - Campus V - UFPB, Cajazeiras - PB.
Orientadora: Idelsuite de S. Lima

Cajazeiras, agosto 1995

Dedico este trabalho aos meus pais, irmãos e amigos pelo apoio e incentivo que me deram no decorrer do Curso.

À Deus, razão maior da nossa existência e pela sua ajuda espiritual que nos transmitiu no decorrer do Curso.

Aos meus pais, aos quais devo a minha própria vida e os meios de torná-la vitoriosa.

Aos meus irmãos e amigos que me incentivaram a prosseguir na luta pelos meus ideais.

Aos professores que contribuíram, colocando em minhas mãos as ferramentas com as quais procurarei abrir novos horizontes, rumo à satisfação plena dos meus ideais profissionais e humanos.

Às colegas, pelo carinho e compreensão durante este período.

À Escola de 1º Grau Maria José Lourenço, que me acolheu no momento do estágio, o meu muito obrigado.

Ao Ex-Prefeito, sr. Oriel Guimarães Nunes que, muito contribuiu no tocante ao transporte, como também, ao atual Prefeito, Dr. Quilon Peixoto Farias que, mesmo antes de assumir a prefeitura, nos ajudou e continua nos ajudando no deslocamento para a universidade.

À todos, o meu eterno agradecimento.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Quando iniciamos nossos primeiros passos, certamente precisamos de um amparo para melhor equilibrar nosso corpo. O tempo passa lentamente, porque não dizer rapidamente e assim sentimos que não podemos ir além das fronteiras humanas.

Passadas as fases milindrosas chegamos com méritos próprios a concluir uma etapa a mais na vida com todo um conjunto de colaboradores que direta ou indiretamente foram peças primordiais na concretização deste sonho.

Certamente não podemos e nem devemos deixar de fazer um agradecimento especial. Não a mais uma mas sim, a esta pessoa maravilhosa, vocacionada, simplesmente a fazer do ser humano, um ser responsável, uma semente viva entre muitas adormecidas. Não! Apesar do português ser rico em adjetivos, não encontro palavras para dizer o quanto sou grata por tudo, e aqui minhas e por que não, o meu pedido de perdão, por muitas vezes não a ter compreendido e entendido que todas as exigências e cobranças eram somente para enriquecer nossos conhecimentos.

Apesar das dificuldades, vencemos esta batalha e encontrei em você, todo incentivo e estímulo que faltava nesta reta final.

De todo coração, faço votos que seja sempre esta pessoa que é e que Deus ilumine seu caminho.

Simplemente, obrigada!

SUMÁRIO

I - Introdução	06
II- Marco Teórico	07
III- Desenvolvimento	10
IV- Metodologia	13
V- Conclusão	14
VI- Referências Bibliográficas	15
VII- Anexos	16

INTRODUÇÃO

*" Um plano é bom quando contém em si,
a força que o faz entrar em execução.
Ele deve ser tal que seja mais fácil executá-lo do que deixá-lo na gaveta."
GANDIN, (1991)*

Na tentativa de encaminhar um processo de discussão sobre Planejamento onde a execução dos planos se constituísse nessa força da qual nos incentiva GANDIN(1991), foi o que nos predisposmos a enveredar por este trabalho.

Assim, realizamo-na na Escola 1º Grau Maria José Lourenço na cidade de Icó - CE, uma discussão sobre uma proposta de Planejamento a partir das necessidades da escola através de estudos com os professores.

De início tivemos a sensação de que a indiferença dos professores iria nos absorver, e com isso, a contribuição que queríamos dar coletivamente no que diz respeito ao Planejamento, não haveria.

Num outro momento, já vimos uma reação de interesse de envolvimento da clientela e passamos a acreditar na possibilidade de concretizar nosso projeto.

O trabalho, portanto, trata do Planejamento Escolar, seus impasses, avanços e recursos, onde no mesmo relatamos a nossa experiência vivenciada no período de estágio.

MARCO TEÓRICO

" A melhor maneira de testar as teorias é a prática. "

FERREIRA (1979)

Na tentativa de entender na prática o que dizem as teorias, para assim a partir da prática vivenciada tentar teorizar sobre a questão, nos definimos então por estudar Planejamento.

GANDIN (1991) afirma que: *" A finalidade do planejamento só é alcançada quando este processo é concebido como uma prática sublime à participação, à democracia, à libertação. Então o Planejamento é um tarefa vital, união entre vida e técnica para o bem-estar do homem e da sociedade."*

Percebe-se então que o planejamento é uma atividade essencial, a mola-mestra, não só na escola, mas em toda e qualquer atividade humana.

FERREIRA (1979), tenta mostrar a importância do planejamento e seus respectivos riscos, quando realizado para controle e manipulação das pessoas envolvidas no processo. O autor acrescentar ainda que: *" O método de planejamento é útil. Mas o mais importante é o maior ou menor conhecimento que se tenha do aspecto da realidade em que se está agindo, e de sua inserção no conjunto. "*

LIBÂNEO (1992) afirma que: *" o planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligados a avaliação."*

GANDIN (1991) destaca que: *"O planejamento tem a difícil função de organizar a ação sem ferir a liberdade e a riqueza de seus participantes do grupo. "*

→ Sendo assim, o planejamento tem como função primordial assegurar e organizar o trabalho docente, possibilitando ao professor desempenhar um ensino de qualidade, evitando a improvisação.

VIANA (1986) diz que: " O planejamento, é também um processo educativo, onde através de uma organização, pode-se verificar o déficits da aprendizagem e a partir desta verificação, tenta buscar alternativas na realidade objetiva da escola. "

Isso significa dizer que o planejamento é de fundamental importância na escola, pois a partir dele é que a mesma pode atingir bons resultados no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Segundo PILETTI (1993), na educação temos os seguintes tipos de planejamento: Educacional, Curricular e de Ensino.

* Planejamento Educacional - consiste na tomada de decisões sobre a educação do conjunto do desenvolvimento geral do país.

TURRA (1992) constata que o planejamento educacional é: " (...) um processo de abordagem racional e científico dos problemas da educação incluindo definições de prioridades e levando em conta a relação entre os diversos níveis do contexto educacional. "

* Planejamento Curricular ou da Escola - consiste na formulação de objetos educacionais a partir dos objetivos expressos nos guias oficiais e tendo em vista a realidade da escola.

Clareando melhor nossa colocação, LIBÂNEO (1992) o define como: " um guia de orientação para o planejamento do processo de ensino. Os professores precisam ter em mãos este plano abrangente, não só para a orientação do seu trabalho, mas para garantir a unidade teórica-metodológica das atividades escolares. O documento final deve ser um produto do trabalho coletivo, expressando os posicionamentos e a prática dos professores. "

* Planejamento de Ensino - é a especificação do planejamento curricular.

Ainda segundo PILETTI (1993) o planejamento de ensino é desdobrável em três tipos, diferenciados por seu grau crescente de especialidade: Plano de Curso, de Unidade e de Aula.

* Plano de Curso - é a previsão de um determinado conjunto de conhecimentos, atitudes e habilidades a ser alcançada por uma turma, num certo período de tempo.

* Plano de Unidade - é uma especificação maior do plano de curso.

* Plano de Aula - é a sequência de tudo que vai ser desenvolvido em um dia letivo.

VIANA (1986), mostra outro aspecto de planejamento é o Planejamento Participativo. Segundo a autora: "*Abre horizontes, permite a participação e co-responsabilidade nas decisões, é um instrumento de trabalho capaz de conduzir a descoberta e à auto gestão.*"

A partir desse referencial teórico o presente trabalho se justifica como uma possibilidade de efetivar no dia-a-dia da escola um processo de discussão acerca do fazer pedagógico.

DESENVOLVIMENTO

"Planejar não é fazer alguma coisa antes de agir. Planejar é agir de um determinado modo para um determinado fim".

GANDIN (1991)

Na perspectiva de encaminhar uma proposta de planejamento na escola com vistas de sistematizar a ação pedagógica dos professores no sentido de buscar coletivamente uma racionalização do trabalho para a melhoria do ensino, foi que iniciamos nosso trabalho.

Assim, tentamos no curto período vivenciado na escola, discutir com os professores a validade desse momento rico de discussão e de aprofundamento que é o planejamento.

Na realidade vivenciada, as opiniões foram diversas e fluentes e nós optamos em comentar os fragmentos dos que provocaram maiores discussões durante o nosso trabalho.

Percebemos que o Planejamento da forma como ele é realizado na escola, tem um caráter mais administrativo do que pedagógico, uma vez que ele é de certa forma conduzido pela diretora, não se constituindo num momento de discussão da prática educativa.

Essa concepção de planejamento encontra respaldo nas afirmações de GANDIN (1991) que assim se pronuncia: *"Fazer planos sem um processo de planejamento é tercer uma rede em que só há nós e nada que os ligue entre si"*.

Essa falta de objetividade nos planejamentos, tem contrariado o significado desse espaço de operacionalização do ato pedagógico, tornando-se uma obrigação, e não uma necessidade, conforme demonstra uma professora ao afirmar que: *"O planejamento só*

serve para ser cobrado os objetivos e a escola não oferece nenhuma condição para tal coisa". (prof. nº 01)

A situação por que passa a escola e conseqüentemente os professores contribui para o esfacelamento da ação pedagógica.

Esse esfacelamento se fortalece na forma como os professores se organizam enquanto categoria, mas tem origem na forma como realiza seu fazer diário.

Percebemos que no momento do planejamento, os professores desperdiçam a grande oportunidade de aprofundar as relações, de estudar, de buscar formas de amenizar as adversidades do dia-a-dia profissional. O que significa dizer que esse momento não é aproveitado para avaliar sua prática, suas aulas, seus alunos.

Dessa forma, o planejamento na escola campo de estágio tem um caráter de cumprimento de uma exigência, não se constituindo numa necessidade básica do professorado.

Por assumir essa conotação, não há uma discussão mais aprofundada e participativa acerca da metodologia do uso do livro didático, dos recursos materiais, da avaliação, da aprendizagem dos alunos e da prática pedagógica dos professores.

Entretanto fazendo uma avaliação com os professores sobre os estudos realizados, ouvimos o seguinte depoimento: "*O planejamento é bom, pois aprendemos coisas novas*". (prof. nº 02).

Outro depoimento que nos faz pensar melhor a respeito do nosso trabalho foi: "*O planejamento da escola precisa ser inovado*". (prof. nº03).

Isso nos faz perceber que vale a pena essa tentativa, pois de uma forma ou de outra, futuramente veremos brotar frutos que foram também esforço nosso.

Por ser o planejamento um instrumento de grande importância para a escola, desde que seja realizado de forma que todos os envolvidos possam ter participação, foi que optamos por esse estudo.

METODOLOGIA

“ A experiência não vem de se ter vivido muito, mas de se ter refletido intensamente sobre o que se fez e sobre as coisas que aconteceram.”

GANDIN (1991)

A metodologia utilizada deve ter como premissa básica compreender o processo de Planejamento da escola.

Realizamos inicialmente um revisão bibliográfica como fichamentos e produção de texto intercambiada com as discussões com a professora / orientadora.

O segundo momento constou de seminário internos, onde cada equipe apresentava seu tema aprofundando através do debate as várias questões do cotidiano escolar.

O trabalho de campo constou de observação, onde na mesma pude ver como era realizado o processo de planejamento.

O passo seguinte foi a implantação da proposta propriamente dita. Assim, realizamos estudo com os professores na tentativa de discutir a questão culminando com a efetivação do planejamento.

Após o trabalho de campo, relatamos a experiência vivenciada num documento final.

CONCLUSÃO

Através dos estudos realizados sobre a questão do Planejamento Escolar, pude aprofundar meus conhecimentos e torná-los úteis a medida que passamos a discuti-los com um conjunto dos professores da Escola de 1º Grau Maria José Lourenço.

Segundo GANDIN (1991), "*O processo de planejamento teve ser de ação-reflexão, oportunizando aos seus participantes a conscientização*".

Foi nessa perspectiva que tentamos realizar planejamento na escola objetivando fazer com que os professores sejam os verdadeiros sujeitos de sua ação diária no sentido de discutir de forma consciente seus problemas na busca de saídas mais condizentes com suas necessidade e possibilidades.

Desta forma, conclui-se que o Planejamento se faz necessário em toda atividade humana, e na escola, se torna essencialmente indispensável, pois jamais uma escola vai andar bem se não há um Planejamento.

Assim sendo, deve-se destacar que as atividades desenvolvidas no decorrer do estágio foram de grande importância para nós. Esperamos ter contribuído de alguma forma com a escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU e MASETTO. O Professor Universitário em aula. São Paulo: Cortez, 1980.

DUARTE, Emeide Nóbrega et alii. Manual Técnico para Realização de Trabalhos Monográficos. 2ª ed. João Pessoa: Ed. universitária (UFPB), 1994.

FERREIRA, Francisco Whitakes. Planejamento sim e não. 12ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GANDIN, Danilo. Planejamento como Prática Educativa. 6ª edição. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. A Prática do Planejamento Participativo. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, P. Lúcia Oliveira. Didática Teórica / Didática Prática. São Paulo: Loyola, 1991.

PILETTI, Claudino. Didática Geral. São Paulo: Ática, 1993.

TURRA, Clódia Maria Godoy e outros. Planejamento de Ensino e Avaliação. 11ª edição, Porto Alegre: Sagra, 1992.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO: Pedagogia
DISCIPLINA: Estágio Supervisionado em Supervisão Escolar
PERÍODO: 95.1

TEMA: O Estágio Supervisionado do Pedagogo
Supervisor : propostas de ação.

ORIENTADOR DO ESTÁGIO:
Prof^a Idelzuite de Sousa Lima

Cajazeiras / 1995

I - Apresentação, justificativa e Objetivos

De modo geral é no momento de estágio curricular que se dá a passagem de estudante para o profissional. É nesse momento que ele descobre na sua formação: suas mazelas, suas inconsistências técnica-metodológicas, seus pontos críticos. Enfim, a "caixa preta" da sua formação.

Essa situação, já antiga, impõe aos professores de estágio curricular tarefas desafiantes, no sentido de tentar reconstruir em, no máximo dois períodos letivos, toda trajetória acadêmica dos alunos e conceber essa atividade como um período de preparação e iniciação profissional.

Nesse sentido, pensamos que o Estágio Curricular em Supervisão Escolar que ora orientamos deverá contribuir para a formação do pedagogo supervisor, no sentido de proporcionar uma maior compreensão teórico-metodológica dos fenômenos educativos; bem como aproximá-lo dos problemas intra-escolares na perspectiva de vislumbrar saídas a partir do embasamento e da prática coletiva no âmbito das escolas, considerando que será ele, enquanto profissional da educação, um dos elementos agilizadores de processos escolares que possam significar um novo tipo de educação que atenda os interesses e anseios da sociedade brasileira.

A nossa proposta de trabalho para o Estágio Supervisionado em Supervisão Escolar permitirá que os alunos tenham os fundamentos teóricos adquiridos ao longo do curso de pedagogia às tentativas operacionais de suas Propostas de Ação, veiculando o saber sistematizado das escolas, campo de trabalho, fortalecendo dessa forma, a produção de conhecimento e a sua formação enquanto educador consciente e comprometido com a realidade brasileira.

II - CONTEÚDOS: TEMÁTICAS OPERACIONAIS:

- * Planejar para quê? Uma proposta de planejamento na escola x.
- * O livro-texto como recurso didático: potencialidades e limitações.
- * Alfabetização: confronto de teorias x aprendizagem em escolas públicas, privadas e alternativas.
- * Conto de fadas ou realidade? Um estudo de História do Brasil na 5ª série.
- * Ciclos de pais e mestres em escolas rurais: para além da tentativa de aproximação.
- * Livro didático: seu papel no processo ensino-aprendizagem.

III - METODOLOGIA:

A proposta do curso para o Estágio Supervisionado será desenvolvida basicamente em duas etapas: uma teórica e outra prática.

A primeira constará de uma revisão bibliográfica para aprofundamento teórico e organização da abordagem de campo, que caracterizará a segunda etapa da proposta.

Faz parte desta proposta, organizar eventos internos (seminários, encontros, mesa redonda, etc.), onde as estagiárias relatarão suas experiências, ao tempo em que sistematizarão seus conhecimentos no confronto com a problemática da ação supervisora. Dessa forma, os alunos terão oportunidades de transmitir suas experiências profissionais e ou acadêmicas.

IV - AVALIAÇÃO

A avaliação compreenderá:

1. O processo de produção intelectual da aluna (as condições em que este se deu, a finalidade do instrumental teórico, a bibliografia, etc.).
2. A própria produção (aprofundamento teórico, a escrita, a redação, a qualidade, etc.).
3. Desempenho e o nível de qualidade na realização dos eventos internos.
4. A defesa do trabalho perante a banca examinadora. (se for o caso).

C R O N O G R A M A D E E X E C U Ç Ã O

ACTIVIDADE	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO
Revisão bibliográfica e organização dos seminários	X	X				
Seminários			X			
Ingresso no campo de Estágio			X	X	X	
Atendimento personalizado para discussão da proposta vienciada.					X	
Produção e apresentação das monografias		X	X	X	X	X

V - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ABREU e MASSETO. O professor universitário em sala de aula
São Paulo, Cortez.

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado: notas
sobre aparelhos ideológicos de Estado. Tradução de
Wagner J. Evangelista e Maria L. V. Castro. 2ª ed. Rio de
Janeiro, 1985.

ARROYO, M. G. Pátria Amada, ignorada. Em aberto. Brasília,
7: (37) jan / mar. 1988.

AZENHA, M. G. Construtivismo de Piaget a Emília Ferreiro.
São Paulo, Princípios, 1983.

BARROS, Aidil J. P. e LEHFELD, N. A. S. Projeto de pesquisa:
propostas metodológicas. Petrópolis, Vozes, 1991.

BUARQUE, L. L. e REGO, L. L. B. Alfabetização e construtivis
mo: teoria e prática. Recife, Ed. Universitária, 1994.

CARDOSO, B. e TEBEROSKY, A. Reflexões sobre o ensino da
leitura e da escrita. 5ª Ed. Petrópolis, Vozes, 1993.

CARVALHO, M. C. M. (org.) Construindo o saber. 4ª Ed. Cam-
pinas, Papyrus, 1994.

CHARLOT, B. A Mistificação Pedagógica: realidades sociais e
processos ideológicos na teoria da educação. 2ª ed. Rio
de Janeiro. Zahar, 1983.

DEIRÓ, M. L. C. As belas mentiras. 11ª ed. São Paulo, Moraes,
1978.

FARIA, A. L. G. Ideologia no livro didático. São Paulo, Cortez,
1986.

FEIL, I. T. S. Alfabetização - um desafio novo para um novo
tempo. Petrópolis, Vozes, 1987.

FERREIRO, E. Reflexões sobre Alfabetização. 22ª ed. São Paulo, Cortez, 1993.

FREITAG, B. et. alii O livro didático em questão. São Paulo, Cortez, 1993.

MOLINA, O. Quem engana quem? O professor x livro didático. 2ª ed. Campinas, Papyrus, 1988.

ROSA, S. S. Construtivismo e Mudança. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 1994.

SCARES, G. M. R. Estudo comparativo de método de ensino da leitura e da escrita. 3ª ed. Papelaria América e Editora, 1983.

TURRA, et alii. Planejamento de ensino e avaliação. São Paulo Sagra.

VIGOLVINO, M. D. Mulher professora leiga: vida e trabalho. Dissertação de Mestrado. PUC - Rio de Janeiro, 1989.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

PLANEJAR PRA QUÊ ?

UMA PROPOSTA DE PLANEJAMENTO NA ESCOLA

DE 1º GRAU MARIA JOSÉ LOURENÇO

ELABORAÇÃO

Flávia Bernadete Araújo

ORIENTAÇÃO

Idelzulte de Sousa Lima

Cajazeiras, maio de 1995.

SUMÁRIO

* OBJETIVOS	01
* MARCO TEÓRICO	02
* METODOLOGIA	06
* CRONOGRAMA	07
* REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	08

OBJETIVOS

- * Acompanhar a sistemática de planejamento de cinco escolas de Rede Estadual e Municipal de Ensino, nas cidades de Cajazeiras, Icó, Sousa e Pombal, verificando como se desenvolve este processo educativo.

- * Discutir uma proposta de planejamento a partir das necessidades da escola.

- * Realizar estudos com os professores e participar da feitura do planejamento escolar.

MARCO TEÓRICO

A educação, por ser um fenômeno social e universal, deve auxiliar e preparar os indivíduos para a sua participação ativa e transformadora na vida em sociedade.

Nesse contexto a prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também permite aos indivíduos adquirir conhecimentos e experiências culturais que os tornem aptos a atuar na sociedade, transformando-a em função de necessidades econômicas, sociais e políticas.

Seguindo este raciocínio, percebemos que a referida prática é responsável em promover a apropriação dos conhecimentos e experiências acumuladas historicamente pela humanidade, e que a Pedagogia* através da Didática organiza e viabiliza o trabalho da escola, orientando o processo de aquisição e assimilação do saber.

Assim, a escola tem um papel significativo e primordial na sociedade, tanto pelo seu objetivo que é transmitir conhecimentos e contribuir com a formação do educando para exercer a sua cidadania, como pela função social que desempenha.

Parafraseando VIANA (1986), a escola deveria utilizar o processo ensino-aprendizagem, como um instrumento que prepara o homem para reivindicar seu acesso à cultura e a história de seu tempo. Nesse sentido, não poderá restringir-se à pura transmissão dos conhecimentos, mas deverá ser um processo político, crítico e preocupado em transmitir conhecimentos integrados e inferidos a partir da realidade do educando.

Na sociedade brasileira, a escola pública, particularmente a de 1º grau, sente os dissabores da falta de uma política voltada para a qualidade do ensino, tanto no que concerne ao material didático e pedagógico, quanto na capacitação e remuneração dos professores.

Com efeito, os docentes, de modo geral tem sido destratados como profissionais, de modo que os direitos mínimos de cidadania lhes têm sido negados obrigando-os a lutar pela sobrevivência, trabalhando em vários turnos e em muitas escolas; limitando o seu desempenho profissional e por consequência a sua qualificação. Este pensamento é melhor explicitado por VIANA (1986,p.49) ao afirmar que:

“ (...) por se tratar de uma atividade pouco valorizada e mal remunerada, o professor precisa multiplicar suas horas de trabalho e seus postos de serviços, sem ter condições de aperfeiçoar seus conhecimentos, preparar as suas aulas, aprender novas técnicas de trabalho. Por isso, acomoda-se em apenas transmitir as noções autorizadas, sem criticar, sem questionar a validade e a importância do que transmite.”

* Ciência que investiga a teoria e a prática da educação nos seus vínculos com a prática social global. (LIBÂNEO, 1993)

Toda essa gama de empecilhos contribui para que o professor, pouco consciente do seu poder de organização, caia no comodismo e acabe por até reforçar esta situação, à medida que aligeira suas atividades em detrimento da qualidade.

Apesar de todas essas dificuldades, a escola dentro de suas limitações pode iniciar o processo de discussão acerca de seu fazer diário do trabalho realizado por cada professor; numa tentativa de vislumbrar saídas para as questões internas que permeiam a prática educativa da escola.

Dessa forma, a escola acontece a partir de um trabalho coletivo entre os educadores com vista a melhoria do processo ensino-aprendizagem.

Uma das formas que a escola utiliza para realizar esse trabalho coletivo é o planejamento, por ser este, um espaço onde os professores podem discutir as propostas e forma de trabalho. É por ocasião do planejamento onde se pode discutir o processo de assimilação/aquisição do saber, as dificuldades dos alunos, das turmas e suas próprias dificuldades.

Nos apoiamos em VIANA (1986) para afirmar que, o planejamento, é também um processo educativo, onde através de uma organização, pode-se verificar os déficits da aprendizagem e a partir desta verificação, tentar buscar alternativas na realidade objetiva da escola.

Os teóricos da educação, dentre eles TURRA (1992), PILETTI(1993), MARTINS (1991), tem posições diversas acerca do planejamento, mas são unânimes quanto a dois aspectos : todos consideram o planejamento como sendo uma previsão metódica de ação a ser desencadeada, e, a racionalização dos meios para atingir os fins.

Tomando por base esses aspectos conclui-se que, qualquer atividade da vida humana passa a exigir que o homem reflita e planeje suas ações no sentido de contribuir para a realização dos objetivos desejados evitando a improvisação.

Dessa forma, o planejamento é utilizado em todas as instâncias da sociedade, sendo imprescindível na área econômica, política e cultural com vistas a otimização das ações para uma maior eficácia e eficiência nas atividades desenvolvidas.

Sendo planejamento uma exigência vital em toda instituição, na escola não poderia ser diferente, por se tratar de uma atividade eminentemente indispensável na sistematização do processo educativo.

Para efetivação de um planejamento sistematizado e proveitoso necessário se faz que haja interação dos professores no sentido de tornar possível a construção de um projeto maior de escola.

Assim, o planejamento enquanto processo político, exige de seus integrantes um posicionamento pessoal e social diante da situação-problema a ser estudada e resolvida.

A função primordial do planejamento é assegurar a racionalidade e organização do trabalho docente, possibilitando ao professor desempenhar um ensino de qualidade, evitando a improvisação, como já foi frisado anteriormente. Na concepção de GANDIN(1991) “ *O planejamento tem a difícil função de organizar a ação sem ferir a liberdade e a riqueza dos participantes do grupo.*”

Seguindo esta concepção, a ação de planejar implica na participação ativa de todos os elementos envolvidos no processo de ensino. No que diz respeito a sua

influência, o planejamento é a mola-mestra, pois o mesmo serve de apoio para o professor tomar as devidas decisões frente a melhoria do ensino-aprendizagem.

No âmbito escolar muitos são os tipos de planejamento:

O PLANEJAMENTO EDUCACIONAL - consiste na abordagem dos problemas da educação, visando a tomada de decisão da conjuntura geral do país, Expressa orientações gerais que sintetizam as ligações da escola com o sistema escolar mais amplo.

Esta concepção de planejamento educacional e melhor abordada por TURRA(1992 , p. 15), quando diz que : “ (...) *é um processo de abordagem racional e científica dos problemas da educação incluindo definições de prioridades e levando em conta a relação entre os diversos níveis do contexto educacional.* ”

O PLANEJAMENTO CURRICULAR OU DA ESCOLA - trata-se da previsão global e sistemática de toda ação a ser desencadeada pela escola, em consonância com os objetivos educacionais. Deve refletir os melhores meios de cultivar o desenvolvimento da ação escolar, envolvendo todos os elementos participantes do processo.

No que diz respeito a essa modalidade de planejamento LIBÂNEO (1992 p. 230) o define como:

“ Um guia de orientação para o planejamento do processo de ensino. Os professores precisam ter em mãos esse plano abrangente, não só para orientação do seu trabalho, mas para garantir a unidade teórico-metodológica das atividades escolares ... pode ser elaborado por um ou mais membros do corpo docente e em seguida, discutido. O documento final deve ser um produto do trabalho coletivo, expressando os posicionamentos e a prática dos professores. ”

O PLANEJAMENTO DE ENSINO - indica a atividade direcional, metódica e sistematizada que será empreendida pelo professor junto a seus alunos em busca de propósitos definidos. Em outras palavras, o planejamento de ensino é a especificação do planejamento curricular e consiste na previsão das situações do professor com a classe.

A elaboração do projeto de ensino envolve: objetivos, conteúdos, procedimentos de ensino, recursos didáticos, avaliação e referência bibliográfica.

Constata-se pois, que é desdobrável em três tipos destintos pela abrangência, mas intimamente relacionados entre si. Segundo MARTINS (1991) eles são assim difinidos:

* **Plano de curso** - envolve a previsão de todas as atividades que serão desenvolvidas durante um determinado tempo (bimestre, semestre ou ano);

* **Plano de unidade** - é uma especificação maior das unidades que compõem o plano de curso e como o próprio nome sugere, ele trata de unidades do curso ou disciplina que se ministra.

* **Plano de aula** - é a concretização dos níveis anteriores no cotidiano da sala de aula, é a sistematização de todas as atividades que se desenvolve na interação professor-aluno, numa dinâmica de ensino aprendizagem diária.

Nesta perspectiva, a preparação de aula é uma tarefa indispensável e servirá não só para orientar as ações do professor, como também para possibilitar constantes revisões e aprimoramentos.

Outra modalidade de planejamento que se deslumbra é o **PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO**. Embora siga os passos ou a sequência de um planejamento comum, o que o difere é a preocupação em formar o aluno através da ação conjunta de todos os elementos envolvidos no processo - escola, família, comunidade -, educando para a responsabilidade, a crítica, a mudança, e todos os aspectos que caracterizam a ação do homem no mundo moderno, de novas e revolucionárias exigências.

Essa concepção é definida por VIANA (1986) na sua obra: "*O Planejamento na Escola*", cuja fundamentação é respaldada no processo de educação permanente de Pierri Furter, a visão conscientizadora, criativa e libertadora de Paulo Freire e a proposta de planejamento participativo de Seno A. Cornely.

A referida autora afirma que: "*Planejamento Participativo abre horizontes, permite a participação e co-responsabilidade nas decisões, é um instrumento de trabalho capaz de conduzir à descoberta e à autogestão*".

Assim, as idéias que sustentam o processo de planejamento são as mesmas que orientam uma dinâmica de ação-reflexão a caminho de uma prática repensada cotidianamente.

Em vista dos argumentos apresentados, o planejamento escolar constitui-se numa atividade educativa fundamental que orienta a tomada de decisões dos professores e por consequência da escola, contribuindo na construção de cada ação realizada.

METODOLOGIA

Essa proposta de trabalho tem a pretensão de levar a efeito uma discussão a cerca de planejamento escolar com os professores da Escola de 1º Grau Maria José Lourenço, considerando que a referida questão é de vital importância para o processo educativo.

Optamos por uma metodologia que possa nos oferecer oportunidade de adentrar ao problema e sugerir alternativas de mudanças.

Assim, nosso trabalho se realizará através de observação participante onde será captada a problemática em questão e nos oportunizará intervenções na perspectiva de contribuir no desenvolvimento de atividades pedagógicas da escola.

“ A priori ”, será feito um estudo bibliográfico acerca do planejamento escolar, para nos subsidiar do ponto de vista teórico-metodológico.

O trabalho de campo propriamente dito, será realizado em duas etapas. O primeiro momento será a fase de observação onde se constará as dificuldades e necessidades na elaboração e execução do planejamento escolar.

No segundo momento, chamado de implantação da proposta, constará de estudo sistematizados com os professores, de efetivação de planos de aula quinzenais, e/ou semanais na tentativa de contribuir com a ação docente no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Consta ainda da nossa proposta de trabalho, uma discussão acerca do fazer diário do professor e da sistematização das suas atividades, bem como um aprofundamento teórico-metodológico acerca do planejamento.

A experiência vivenciada ou os resultados do trabalho será objeto de um relatório final, onde detalhar-se-á os passos da proposta.

CRONOGRAMA

ATIVIDADES	MESES					AGOS TO:
	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO		
	1-2-3-4 5-5-5-5	1-2-3-4 5-5-5-5	1-2-3-4 5-5-5-5	1-2-3-4 5-5-5-5	1-2-3-4 5-5-5-5	
1. Revisão Bibliográfica	14 14 14 14					
2. Visitas às escolas para apresentação da e conhecimento do nosso campo de trabalho	14 14					
3. Observação de planejamento escolar.	14 14					
4. Estudo teórico para aprofundamento da te- mática a ser trabalhada.	14 14 14 14					
5. Implantação da proposta de trabalho.			14 14 14	14 14		
6. Sistematização do relatório final.		14 14 14 14	14 14 14 14	14 14 14	14 14	
7. Apresentação do relatório final.					14 14	14 14

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU e MASETTO. O Professor Universitário em aula. São Paulo: Cortez, 1980.

FERREIRA, Francisco Whitakes. Planejamento sim e não. 12ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GANDIN, Danilo. Planejamento como Prática Educativa. 6ª edição. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. A Prática do Planejamento Participativo. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, P. Lúcia Oliveira. Didática Teórica / Didática Prática. São Paulo: Loyola, 1991.

PILETTI, Claudino. Didática Geral. São Paulo: Ática, 1993.

TURRA, Clódia Maria Godoy e outros. Planejamento de Ensino e Avaliação. 11ª edição, Porto Alegre: Sagra, 1992.

VIANA, Ilca O. A. Planejamento Participativo na Escola. São Paulo: EPU, 1986.

ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO

1. Com relação à Escola:
 - 1.1. Localização
 - 1.2. Funcionamento

2. Com relação aos professores :
 - 2.1. Formação
 - 2.2. Sistemática de trabalho
 - 2.3. Posicionamento frente ao planejamento
 - 2.4. Relação ao planejamento x dia-a-dia

3. Com relação ao planejamento :
 - 3.1. Sistemática
 - 3.2. Como é realizado
 - 3.3. Quem orienta
 - 3.4. Quais as atividades

4. Com relação às orientações para o trabalho docente :
 - 4.1. Metodologia sugerida
 - 4.2. Técnicas utilizadas
 - 4.3. Materiais utilizados.

NECESSIDADE DE PLANEJAMENTO PARA A EDUCAÇÃO

Qualquer atividade sistemática, para ter sucesso, necessita ser planejada. O planejamento é uma espécie de garantia dos resultados. E sendo a educação, especialmente a educação escolar, uma atividade sistemática, uma organização da situação de aprendizagem, ela necessita evidentemente de planejamento muito sério. Não se pode improvisar a educação, seja qual for o seu nível.

A própria escola carece de planejamento, para atender ao que dela se espera.

Dentro da escola, todas as atividades, sejam as administrativas, sejam as educativas, ou qualquer outra, têm mister de planejamento sério e científico, não só os currículos e programas, mas também as atividades docentes têm necessidade absoluta de planejamento.

Muitas vezes acontece que o currículo vem mais ou menos prescrito pelos órgãos oficiais, e a escola simplesmente executa o prescrito. Embora as orientações gerais venham do sistema, ainda resta muito por fazer à escola. Embora o currículo seja mais ou menos determinado, cabe à escola interpretar, implantar e operacionalizar estes currículos, especialmente adaptando-os às situações concretas, selecionando aquelas experiências que mais contribuir para alcançar os objetivos da escola, e com isso os objetivos dos alunos, das suas famílias, da comunidade e da nação.

Infelizmente se usa muita improvisação ou então se executam tarefas impostas de fora, sem a escola se envolver no estabelecimento dos objetivos do ensino em termos de escola.

Os professores, não raro, recebem os programas mais ou menos organizados, e procuram explicitá-los um pouco mais, examinando-se com isso com a obrigação de procurar os objetivos de sua disciplina e especialmente os de seus alunos. As aulas necessitam de planejamento para não se transformarem em simples execução de tarefas mecânicas, sem sentido e sem vida. Todas as atividades precisam tornar-se significativas para os alunos, para os quais é feito o planejamento, e que deveriam por isso mesmo participar deste planejamento.

As atividades científicas são superiormente planejadas. A partir de um problema que necessite de situação, estabelecem-se as hipóteses, levantam-se os dados, interpretam-se esses mesmos dados e fazem-se as generalizações ou aplicações. O mesmo deveria acontecer com o planejamento educacional.

O planejamento da educação terá de percorrer as mesmas etapas do planejamento científico, se quiser produzir resultados sistemáticos, consideráveis e duradouros.

Parte-se de um problema: as necessidades de os alunos se educarem. Estabelem-se as hipóteses, que são os planos, de atividade. Executa-se o planejamento, trabalhando os elementos que entram no processo da aprendizagem. Faz-se a interpretação dos dados, procedendo à avaliação que fornecerá os elementos necessários para julgar se o pretendido foi alcançado, se o problema foi resolvido, isto é, se houve aprendizagem e em que medida houve. A partir dessa análise se poderá ou concluir a atividade, porque já houve aprendizagem ou retomá-la através do replanejamento, se a aprendizagem não tiver ocorrido ou se tiver efetuado apenas parcialmente.

Procedendo deste modo, cientificamente, o planejamento transforma-se de fato na garantia do sucesso da educação e da aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

SCHMITZ, E. F. In GANDIN, Danilo. Planejamento como Prática Educativa. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1991.

INTERDISCIPLINARIDADE: Um modo de ser e de pensar o mundo.

Arací Asinete da luz e Gastão Octávio da luz

Nós estamos nos acostumando ou até mesmo acostumados ao trabalho especializado, ao estudo especializado, o que conduz a uma compreensão de partes, ou, no mínimo, dificulta a compreensão. Isso é um modo de agir e de pensar.

A interdisciplinaridade, por sua vez, busca propor caminhos para superar o particularismo, propondo caminhos para a totalidade do conhecimento.

Em 1981 - 83, quando o HIV (vírus da Aids) foi transformado em notícia, a culpa foi atribuída aos "grupos de risco". A "doença gay" teria surgido entre africanos e nativos das ilhas havaiana.

Depois de muita perseguição, preconceito e discriminação, isso tudo virou pó. Devemos compreender que o grupo de risco é a humanidade. A Aids não respeita fronteiras.

Enquanto a visão "unidisciplinar" dos especialistas indicava cuidados com homossexuais, negros e havaianos, deixaram de fazer avançar as pesquisas, por exemplo, na relação Aids e uso de drogas.

Além disto, é necessário perceber que não só a Aids se encontra presente, mas a tuberculose, a pneumonia, o cólera, a dengue, que os especialistas garantiram estar extintas, ou, ao menos, controladas, mas que ressurgem muito mais potencializadas.

E nesta questão de os agentes causadores de tais doenças voltarem com maior força de ataque, também se exige uma postura que favoreça a idéia de construir-mos caminhos para a totalidade do conhecimento.

TOTALIDADE DO CONHECIMENTO

Percebam que, ao discutir-mos estas questões, muitas informações de diferentes áreas do conhecimento são necessárias. A Aids passa por aspectos da Geografia, uma vez que a ocupação do espaço pelos homens demanda relações de poder, conquistas, políticas de domínio, etc. E quando se afirmou que africanos e havaianos eram os responsáveis pela propagação da síndrome, isto, além de haver-se revelado muito pobre em termos de dados e validade "científica", evidenciou mais uma distinção entre o que se vem chamando de 1º, 2º e 3º mundos.

Na instância da Economia, é preciso perguntar a quem interessa a Aids. São milhões de dólares, todos os anos, que fluem para projetos de pesquisas, campanhas, congressos, fabricação de AZT (que agora é tido como falível) e outros medicamentos. Óbvio que muitos recursos são necessários para enfrentar esta situação; Mas também é óbvio que há muito se instalou a "indústria da Aids". Matematicamente, é possível compreender diferentes lados da mesma questão.

Naturalmente, a Biologia tem muito a nos dizer de que modo o HIV ataca o sistema imune; que tipo de pessoas têm sido contaminadas: qual o sentido biológico da especificidade do veículo contaminador (esperma e sangue); e, talvez mais importante de tudo: não é verdade, sob a ótica da Ecologia e da Educação Ambiental, que é na era da poluição desenfreada, dos agrotóxicos, da energia nuclear e da política de fármacos, que surgiu a Aids? E o que dizer da infecção hospitalar, que acaba de ser associada à transmissão da síndrome? em que medida a comida industrializada vem contribuindo para alterar (enfraquecer) nossas resistências ?

Isto é pensar interdisciplinarmente. É procurar ver o todo, não pela somatória simples das partes, mas pela percepção de que tudo sempre está em tudo. É saber, como ensina Moacir Gadotti, que o compromisso do especialista está em compreender o todo. É, em síntese, permitir que o nosso pensamento ocorra com base no diálogo nas áreas do saber.

OLHAR DIFERENTE

A interdisciplinaridade é uma postura que nos permiti ver as coisas que sempre foram vistas, porém com outros olhos. Para a humanidade, significa uma das alternativas para a construção de um novo tempo, de um outro processo civilizatório, em que nos saibamos como parte integrante do universo, onde tudo repercute em tudo. Para isto, precisamos rever a ordem de valores que aí está, questionar princípios éticos que nos levaram a este final de século estraçalhados e inseguros. Precisamos reinventar a Escola, para que ela garanta os mecanismos da busca da totalidade do conhecimento, livrando-nos dos condicionantes "científicos" que fizeram do currículo escolar um mosaico de 11 ou 12 "disciplinas" separadas, divorciadas e estanques. Ser interdisciplinar é apenas o primeiro passo. O futuro do Homo Sapiens aponta para a transdisciplinaridade, quando então seremos capazes de transcender os limites impostos pela separatividade dos saber, e poderemos nos colocar a caminho de uma outra forma de ser e de pensar o mundo.